

A LINGUAGEM NO PRÉ-ESCOLAR

HELOÍSA MARINHO

A linguagem se inicia com o *grito* e o *balbucio*.

No choro, aparecem primeiramente os sons *a* e *c*, variando em altura e intensidade; aos quatro meses, já todos os sons vocais aparecem, não raro modificados por sons consonantais.

O choro exprime *mal-estar*; o balbucio, *satisfação*. A linguagem é, assim, de início, manifestação *puramente emocional*. Alas, dos três meses em diante, a criança repete sílabas, como que exercitando os sons necessários à futura linguagem significativa.

Depende o balbucio da evolução fisiológica. A sucção e a deglutição predispõem o aparecimento das consoantes labiais e guturais; aparecem primeiramente o *m*, o *n*, e o *g*, (*gue*). Seguem-se as explosivas *p* e *b*; depois da dentição aparecem *d* e *t* e, logo a seguir, as fricativas *f* e *v*. Esses fonemas são próprios do balbucio. O *l* e o *r* só mais tarde aparecem.

Dada a íntima correspondência fisiológica entre o aparelho auditivo e o fonador, o estímulo auditivo da própria voz tende a fixar a articulação correspondente. A criança diz *dá*, ouve *dá*, o que a predispõe a repetir a voz, ainda que sem nenhuma relação propriamente significativa.

Isso se dá por uma forma primitiva de imitação, que se observa dos cinco aos seis meses. Já nessa época, consegue-se fazer que a criança reproduza os sons articulados habituais no balbucio. Mas, a esse tempo, é ela incapaz de repetir sons estranhos aos que já possui na vocalização espontânea. O natural estímulo social não introduz elementos novos,

(*) O presente estudo constitui o II cap. do boletim " A linguagem na idade pré-escolar ", a ser editado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, com os resultados de longa pesquisa realizada pela Autora, na Escola Maternal e Jardim de Infância, anexos ao Colégio Bennett, do Rio de Janeiro, e, ainda no Jardim de Infância do Instituto de Educação.

apenas concorre para acentuar fonemas espontâneos, preparatórios da linguagem, mais tarde convencional ou *socializada*. Combinações sonoras semelhantes às do adulto, como *dá-dá, má-má*, repete-as a criança com tanto mais facilidade quanto sejam ouvidas com freqüência, provenham de si mesma ou de outras pessoas. Sendo mais longo na criança que no adulto o tempo de latência entre o estímulo auditivo e a reação na fala, a experiência só surtirá resultado positivo se forem usados poucos sons muitas vezes repetidos.

Durante a fase da vocalização inicial, as sílabas não possuem para a criança nenhum sentido. Representam apenas reações espontâneas comparáveis aos movimentos que se observam nos braços ou nas pernas. Ao mexer, estendendo e flexionando com a vivacidade própria à idade, pernas e braços, diz a criança: *dá dá. dá. dá. .* (0;5 + 25).⁽¹⁾ Em 50% dos casos, que observamos, nessa idade, a vocalização acompanha a atividade manual. A criança bate repetidamente num brinquedo e diz: *pá-pá ah, ah. hap-hap* (0;7).

Não existe, nesta fase, relação fixa entre uma sílaba e determinada atividade. A criança usa da mesma sílaba em mais de uma situação. Diz *dá-dá* ao bater em qualquer objeto ao alcance das mãos, e emprega a mesma articulação ao encostar a cabeça no travesseiro (0;5 + 25). De outro lado, usa em situações idênticas, sílabas diferentes. Ao bater um dado sobre outro, por exemplo, ora diz *ah, ah, ah*, ora *di, di, di* (0;8 + 15).

A linguagem com significação, ou própria da inter-comunicação, aparece por influência do meio familiar. Ainda que pronunciada sem qualquer intenção, a sílaba *dá-dá* não deixa de produzir efeito social. Tantas vezes recebe a criança, ao enunciá-la, algum objeto que, um dia, relaciona a palavra e esse objeto, ou essa palavra e uma situação determinada, relacionada com o objeto. No momento em que *dá-dá* adquire o sentido da expressão de uma necessidade ou de desejo da criança para o adulto, a expressão e os gestos da criança claramente revelam como que o nascer do entendimento. Distingue-se esta primeira fase da linguagem oral, já *significativa*, do balbucio, pelo fato de os sons indicarem atividades, pessoas, animais, objetos, e, depois, gradativamente, suas relações.

(1) Depois dos trabalhos de STERN, concordam os autores em indicar as idades de modo abreviado, com o emprego de um número para ano ou anos; de outro, separado do primeiro, por ponto e vírgula, para indicar meses; e, enfim, de um terceiro, separado do segundo pelo sinal + para indicar dias. A abreviação acima lê-se, portanto, 0 anos; 5 meses e 25 dias. Todas as indicações semelhantes, neste trabalho, referem-se à idade em que a A. colheu a observação em cada caso descrita.

A compreensão dos primeiros vocábulos não é específica. Por volta dos 12 meses, a criança chama de *au-au* a todo o animal de quatro patas. Só mais tarde, disporá de vocabulário enriquecido; então, as palavras adquirem sentido diferenciado e mais preciso.

Conforme o meio, varia o aparecimento das primeiras palavras. Em crianças continuamente entretidas em ambiente da fala adulta, já ao passarem do primeiro ao segundo ano (0;9 a 1;0), aparece com precocidade o emprego intencional de um ou outro vocábulo. O número de palavras continuará, porém, reduzido, devido ao insuficiente desenvolvimento nessa idade. O vocabulário ativo de uma criança de 12 a 15 meses não passa, em regra, de meia dúzia de palavras, por maior empenho que se tome em torná-lo abundante. Menor convivência com adultos, retarda, de três a quatro meses, o aparecimento dos primeiros vocábulos.

A compreensão da palavra ouvida antecede as possibilidades da fala. Aos nove meses, já atende a criança por meio de reação adequada à ordem de *sentar, levantar, deitar*. Essa forma de atender, ainda sem correspondência proporcional da fala, estabelece estruturas que possibilitarão surto rápido do vocabulário ativo, muito apreciável dos 18 meses em diante.

Ao finalizar o segundo ano (1;11), nossas observações indicam 60 palavras diferentes, o que está de acordo com as 50, dadas como pa-drão para essa idade, pelo Prof. GESELL, da Universidade de Yale. (2)

O vocabulário cresce depois, muito rapidamente, nas proximidades da idade escolar. Enquanto a criança de 1;11 não dispõe de mais que sessenta palavras, na idade de seis anos passa a utilizar mais de oitocentas. Se, porém, anotarmos as flexões de gêneros, número e grau, o total subirá a mais de 1.300 vocábulos.

No Quadro A damos o número de palavras nas várias idades, e, assim também, o total de vocábulos, contadas as palavras e as formas de flexão.

QUADRO A — *Número de palavras diferentes e suas flexões nas idades de 12 a 83 meses.*

ESPECIFICAÇÕES	IDADE EM MESES					
	(12-23)	(24-35)	(36-47)	(48-59)	(60-71)	(72-83)
Palavras	60	269	360	440	602	835
Palavras e flexões	—	397	567	694	1.005	1.319

(2) GESELL, A., AMATRUDA, C. S. *Developmental Diagnosis*. Ed. Paul Hoeber Inc., New York, 1941, pág. 78.

Considerada uma única vez cada palavra, equivalem-se os resultados obtidos pelos que se têm ultimamente ocupado do assunto, relativos, é bem de ver, a cada idade considerada. É assim que, em estudo realizado na Universidade de Colúmbia, JESILD registra, para crianças de três anos, 309 palavras; o total obtido na presente pesquisa foi de 360. (3)

A princípio, a criança não distingue as funções gramaticais. Uma mesma palavra serve a mais de uma categoria. Quando a criança de um ano, ao ver chegar o mingau diz *pa-pa*, esse dissílabo tanto serve de substantivo, como de verbo, tanto indica a *comida*, como a *ação de comer*. (4) Vem a ponto lembrar que, mesmo antes de lhe porem a colher entre os lábios, já estes, em antecedência instintiva do como irão funcionar, como que sugam, na articulação labial *pa-pa* (1;3).

Essas palavras-frases no dizer de STERN, tendem a desaparecer no último semestre do segundo ano (1;6 a 1;11). Nessa época iniciam-se frases curtas ainda incompletas como: *Titia embora, não* (1;9). (5)

O princípio da *satisfação imediata* explica inversões curiosas da sintaxe infantil. Ao sentir necessidade de beber mais água, diz a criança: *Déa quer mais beber aguinha*, (1 ;9), onde a urgência do *mais* se impõe pela inversão. A criança de um ano fala para satisfazer seus desejos. Esse caráter domina, aliás, toda a linguagem ainda durante o segundo ano (1;0 a 1;11).

No decorrer do terceiro ano de vida (2;0 a 2;11), formam-se períodos com frases em que quase não aparecem partículas de ligação, conjunções, preposições. Ao referir-se ao lápis de ponta gasta, exprime-se assim a criança de dois anos: *Não tem ponta, esse aqui não pode* (escrever). Dos quatro anos em diante, aparecem, porém, orações complexas. Ao desenhar um boneco diz o menino: *Agora vou botar um chapéu bonito mesmo, para ele ir passear com a mãe dele* (4;6).

(3) JERSILD, A., *Child Psychology*, Ed. Prentice Hall Inc., New York, 1941, pág. 122.

(4) Devemos observar que no segundo ano de vida, ou dos 12 aos 23 meses, o vocabulário nascente é muito pessoal a cada criança, e a significação das expressões gerais sempre inseparável da *situação* em que sejam empregadas.

(5) Não se registram aqui as deformações de prosódia infantil, quer pela dificuldade da reprodução, quer porque esta pesquisa não tem por mira o registro prosódico, mas, sim, o estudo do vocabulário como expressão do desenvolvimento da criança.

Classificadas as primeiras palavras, segundo o padrão gramatical do adulto, obtivemos, para as crianças brasileiras observadas, a seguinte ordem no aparecimento das funções gramaticais:

- 1) Substantivos (1;2)
- 2) Verbos e advérbios (1;4)
- 3) Adjetivos (1;6).

As palavras de relação só figuram depois dos dois anos de idade. O emprego do verbo ou do advérbio depende da ênfase da frase. A criança prefere *Vovó cá* (1 ;4), em vez de *Vovó venha cá*, porque o *cá* é mais acentuado que o *venha*, mesmo na linguagem adulta.

Os substantivos preponderam em todas as idades, conforme se vê no Quadro B.

QUADRO B — *Frequência percentual das palavras, pelas categorias gramaticais.*

CATEGORIAS GRAMATICAS	IDADE EM MESES					
	(12-23)	(24-35)	(36-47)	(48-59)	(60-71)	(72-83)
Substantivos	59	44	42	44	45	43
Adjetivos	9	13	13	12	14	20
Pronomes	0	6	6	4	7	5
Verbos	30	24	24	24	22	20
Advérbios	2	8	10	11	9	8
Conjunções e proposições	0	5	5	5	3	4

Na sua origem, o *pensamento prende-se à ação* e, por isso mesmo, a coisas concretas. Substantivos abstratos quase não existem. De quando em quando, aparecem debaixo da forma de interjeições. A expressão *que belezinha!* por exemplo, expressa apenas satisfação para a criança, e não ainda a idéia abstrata da beleza.

Os substantivos próprios limitam-se aos nomes de pessoas conhecidas. Extremamente raros são os de países, cidades, bairros, e mesmo ruas.

Quanto aos verbos, aparece em primeiro lugar o modo imperativo. Acima vimos como a criança descobre o significado imperativo da palavra *dá*, pelo efeito social a que se liga.

Durante o segundo ano (1 ;0) a (1;11), o presente do indicativo tem, às vezes, a intenção imperativa: *Déa quer aguinha*, (1;9), equívale a uma ordem.

A partir do terceiro ano (2;0), predomina o indicativo, em 80 a 90 por cento dos casos, sobre qualquer dos outros modos que então começam a aparecer.

Ainda aos seis aros, o subjuntivo e o condicional são raros; substituem-se pelo imperfeito do indicativo. Ao comentar um desenho, uma das meninas, que observamos, assim se exprimia: *Está voando porque se estava parada, estava com as asas abaixadas* (6;1). A criança já sente então, necessidade lógica de expressar condições *de modalidade*, mas não se utiliza ainda das formas adequadas da gramática.

QUADRO C — *Evolução do emprego dos modos do verbo nas idades de 1 a 6 anos (em percentagem).*

MODOS DO VERBO	IDADE EM MESES	
	(12-23)	(72-83)
Indicativo	40	88
Imperativo	60	9
Condicional e subjuntivo .	0	3

Isso, quanto aos modos. A respeito dos tempos, sobressai o presente, como se vê no Quadro D.

QUADRO D — *Emprego do tempo dos verbos, nas idades de 1 a 6 anos (em percentagem).*

	IDADE EM MESES					
	(12-23)	(24-35)	(36-47)	(48-59)	(60-71)	(72-83)
Presente	58	50	49	57	52	48
Futuro imediato	29	26	29	20	22	23
Pretérito perfeito	13	22	17	15	16	21
Imperfeito	0	2	5	8	10	8

O futuro simples não existe de todo. Em seu lugar aparece o futuro imediato, *vou fazer, vou passear*. Esse futuro imediato é de uso

mais freqüente do que o pretérito. A observação, que encontramos em 40STERN (6), foi verificada nesta pesquisa.

Cumpre notar também que o futuro imediato quase que se confunde na linguagem da criança com o presente. O *vou desenhar* eqüivale, muitas vezes ao *estou desenhando*. Ainda não se pensa no futuro longínquo. O uso normal do termo *amanhã* só aparece dos quatro anos em diante.

Dada a maior freqüência dos verbos regulares, as crianças flexionam os irregulares como se o não fosse. Ao terminar o desenho de uma casa, diz toda contente: *fazi!* (2;8).

Usual nos verbos é tomar a terceira pessoa o lugar da segunda, o que vem sobretudo de nos dirigirmos à criança por *você*, e conseqüente idiotismo de nossa língua, de fazê-lo combinar com a terceira pessoa do singular. Demais, a mãe, dirigindo-se ao filhinho, chama-o durante os primeiros tempos pelo nome próprio. Daí o não se ouvir da boca da criança durante o segundo ano (1;0 a 1;11) o pronome *eu*.

No vocabulário, que resultou desta pesquisa, o *eu* somente figura do terceiro ano de vida em diante.

Em nossas observações, aparece o *meu* (adjetivo e pronome) na maioria das crianças, aos dois anos. Só dos quatro em diante, mostra-se o *seu* com igual freqüência. De fato, dos 12 aos 23 meses, só os possessivos da 1.^a pessoa são empregados; dos 24 aos 35 meses, os possessivos da 3.^a pessoa aparecem em 30% dos casos; aparecem também aos 48 ao 59 meses em 45% dos casos; e, finalmente, aos 72 meses, os possessivos da 1.^a e 3.^a pessoas igualam-se na freqüência. Aproximam-se gradualmente, como se vê do Quadro E, o que parece prova de socialização crescente. O possessivo, melhor do que o verbo e o pronome pessoal, expressa o *egocentrismo* da criança.

QUADRO E — *Emprego das pessoas do verbo, nas idades de 1 a 6 anos (em percentagem).*

PESSOAS DO VERBO	IDADE EM MESES					
	(12-23)	(24-35)	(36-47)	(48-59)	(60-71)	(72-83)
3. ^a Pessoa do singular ...	100	76	71	68	70	60
1. ^a pessoa do singular ...	0	22	25	28	24	35
1. ^a e 3. ^a pessoas do plural	0	2	4	4	6	
	5					

(6) STERN, Clara und William, *Die Kindersprache*, Vierte neubearbeitete Auflage, Verlag von J. Ambrosius Barth, Leipzig, 1928, pág. 252.

De um a três anos, raramente a criança emprega o plural. O aumento das flexões de número, dos quatro em diante, mostra que se vai firmando a noção de quantidade, não obstante erros grosseiros de concordância por todo o período de 1 a 6 anos.

Os resultados desta pesquisa coincidem com os da de STERN, quanto aos advérbios *de negação* ultrapassarem em frequência os *de afirmação*; e também a respeito da intenção voluntariosa do *não*, e do *sim*, que não têm, como no adulto, caráter informativo de existência e de não existência. Indicam apenas *o querer* e *o não querer*.

Verificamos também que a percentagem do emprego do advérbio de afirmação mantém-se muito baixa até os 3 anos, crescendo depois, disso, e então, rapidamente. A percentagem das frases negativas, já elevada aos 2 anos (80%), assim se mantinha até os 3 anos, para decrescer em seguida.

Sucede o mesmo com os advérbios de *lugar*, que aparecem primeiro que os de *tempo*, e *modo*. De um a três anos, *cá* e *lá* ocorrem em situação emocional de querer a aproximação ou o afastamento de pessoas e objetos.

Neste caso, como em todos os outros, é claro, o valor significativo da linguagem dependerá do grau de desenvolvimento geral da criança, decorrente também das influências do ambiente familiar.